
**TEMPO DE (RE)VIVENCIAR O ENCONTRO: NARRATIVA DA PESQUISADORA
SOBRE SUA VIVÊNCIA DURANTE PESQUISA COM
MULHERES ENCARCERADAS**

Rose Ani Jaroszuk*
Sylvia Mara Pires de Freitas
Tereza Rodrigues Vieira

Através de entrevistas feitas dentro de uma penitenciária feminina de segurança máxima, localizada em uma cidade do Estado do Paraná, Brasil, com sete presidiárias que cumprem penas superiores a cinco anos, condenadas ao regime fechado nesta penitenciária, buscou-se compreender, a partir da fenomenologia e do existencialismo sartriano, as vivências das encarceradas no tocante a relação tempo e encarceramento, objetivo da pesquisa intitulada *O sentido da temporalidade para mulheres encarceradas: uma análise fenomenológico-existencial*, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), através da Universidade Paranaense – UNIPAR, realizada no período de 2011/2012.

Contudo, este resumo não se refere a narrativa das vivências das encarceradas, nem as produzidas por elas ou mesmo sobre elas, este trabalho emerge do olhar da pesquisadora sobre como vivenciou suas visitas a penitenciária para realizar as entrevistas com as mulheres encarceradas, bem como durante as mesmas. Através desta narrativa, a pesquisadora visa compartilhar e sensibilizar o outro para uma realidade encarcerada, produtora de identidades totalizadoras, cristalizadas e estigmatizadas.

A narrativa é uma história que se conta, ou seja, fatos reais, com precedência e sucessão interdependentes exibidos com sentido próprio, pois “*Entre vivir y narrar existe siempre una separación, por pequeña que sea. La vida se vive, la historia se cuenta*” (Ricoeur, 2000, p. 192). Se a história é algo do cotidiano, porque nos acanhamos quando somos requisitados para narrar algo? Segundo Benjamin (1987) o embaraço se deve ao empobrecimento das ações da experiência, “É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (p.198).

Ricoeur (1994) diz que a narrativa faz com que o mundo seja um mundo temporal na medida em que ela humaniza o tempo, pois a narrativa só adquire significado a partir do delineio da experiência temporal. Assim, a característica do narrador é o relato feito a partir

da experiência, seja a sua ou a relatada por outro, ao mesmo tempo em que seus ouvintes incorporam o que lhes foi narrado (Benjamin, 1987). “Sem o homem, a natureza é neutra, surdo-muda, e só na esfera da intervenção humana a matéria pode adquirir características dialéticas” (Perdigão, 1995, p. 163).

Esse relacionamento ocorre dialeticamente, pois de acordo com Sartre (2002) a dialética é um processo que acontece pela consciência, lembrando que esta não possui nada em seu interior, é abertura, vazio, assim total possibilidade, um eterno devir e capaz de outorgar sentido e significado ao mundo, uma vez que o posiciona intencionalmente. Contrariamente, a materialidade se autoignora, é fechada em si mesma, pois é o que é. Assim sendo, nós através da dinâmica estabelecida com o mundo e com os outros, entre o objetivo e o subjetivo, interiorizamos o exterior, objetivando nossa subjetividade e, a partir de nossas emoções, pensamentos, ações, exteriorizando-nos, subjetivando o mundo objetivo. Desta forma, construímos a história particular e universal, transcendendo-a a cada ato e construindo uma nova.

Embora conhecedora da não neutralidade em pesquisa qualitativa, a pesquisadora, como ouvinte, buscará esquecer-se de si mesma, ou seja, através da redução fenomenológica colocará em suspenso o que está posto *à priori* para captar sentidos e significados experienciais do pesquisado, revelados pela sua fala, alcançando assim a essência do fenômeno (Sartre, 2001). A busca então pelo encontro com o outro, através do diálogo oportuniza o *ser-com*, pois a experiência é de quem fala, mas também de quem escuta, pois somos e estamos inteiros nesse momento que é relacional. Assim a perspectiva fenomenológica considerará também que a pesquisa é uma forma de existir que proporciona uma vivência física, emocional, social conjunta, pois nela os aspectos objetivos, subjetivos e intersubjetivos se manifestam de maneira dialética e evidencia-nos como seres humanos, pois o “nosso ser em conexão com seu ser-Para-si é também Para-outro; o ser que se revela à consciência reflexiva é Para-si-Para-outro” (Sartre, 2001, p. 361).

Destarte, com a concepção de mundo acima contextualizada, e a curiosidade que persiste há algum tempo em querer conhecer e compreender como uma pessoa que, repentinamente subtraída de seu meio familiar, social, laboral, com trânsito livre, passa a viver em um local onde o ir e vir é restringido pelas normas, pelo espaço e pelo tempo, nasceu a ideia de um

projeto de pesquisa de campo para conhecer os fenômenos que me tinham inquieta. Após o engajamento das orientadoras com o projeto e o local para a realização da investigação aprovados, deu-se início a minha primeira experiência enquanto pesquisadora no campo das ciências humanas. Sem nenhum contato prévio com a realidade do sistema prisional, queria através da pesquisa experienciar, através da proximidade, do diálogo, uma dimensão existencial do viver de uma realidade para mim desconhecida, e buscar respostas às indagações que configuraram o projeto de pesquisa: qual o sentido e significados possíveis à vivência nestas condições de existência, que em determinado momento lhes configura como realidade humana? Se é que assim se pode nomear.

A primeira sensação de encontro ao inesperado aconteceu quando, por motivos de acesso ao local das entrevistas, me deslocava da cidade para a colônia penitenciária, com um dos ônibus que o Departamento Penitenciário do Paraná (Depen/PR) disponibiliza para o ir e vir de seus funcionários. Apesar de longo o trajeto, aproximadamente uma hora de percurso, e a ansiedade ser crescente, o tempo passou rápido em companhia de um agente penitenciário do complexo de segurança máxima masculino que me colocava a par de suas experiências e de algumas regras que eu teria que observar. Uma de suas frases foi: *“Aqui todo mundo é inocente e elas irão querer te manipular”*. Agradei e pensava comigo mesma, que independente do local que eu estava por ingressar, teria que ir destituída de pré-conceitos, aberta, sem me contaminar, lembrando-me de manter uma consciência reflexiva sobre os objetivos da pesquisa e o atuar científico.

Quando me dirigi ao complexo feminino, deparei-me com um muro alto, e arame farpado em espirais no seu topo, portões enormes e uma pequena janela que permite ver o rosto de quem está fora. Muro que concretiza uma barreira simbólica e sociológica entre o que é intra e extramuros, evidenciando a reclusão. Ao passar pelo portão, deixei celular e documentos para serem retirados na hora da saída. Todos os dias teve o mesmo ritual. O agente penitenciário que cuida da entrada e saída de pessoal então comunicou minha presença à administração e em seguida uma agente penitenciária se apresentou dizendo que seria minha guia enquanto eu ali estivesse. Em seguida disse que me levaria até um local em que eu pudesse ficar em segurança para realizar as entrevistas. Não senti medo, mas estava alerta, pois, ao ouvir, *em segurança*, meus cinco sentidos otimizaram suas funções. Ressaltei que as entrevistas são em

caráter sigiloso, portanto o local em que eu ficaria deveria proporcionar este quesito.

O local externo, entre o muro e o edifício, me deu a sensação de estar num hospital, mas entrando na penitenciária, após passar pelo *hall* de entrada e a parte administrativa, logo fez com que eu mudasse a percepção, pois a passagem de um local para outro se deu rapidamente e após vários portões de grade de ferro abertos e fechados quase que instantaneamente, eu já estava dentro da prisão e com as presas circulando. Nesse momento estava um pouco confusa, não deu tempo para pensar, simplesmente segui o fluxo e quando percebi muitas mulheres pareciam me olhar curiosas, as quais eu cumprimentava. A agente então me deixou em uma sala, que era usada para ensaios do coral, comunicando que chamaria a primeira mulher a ser entrevistada. Coloquei duas cadeiras e uma classe no meio que serviria para escrever e assinar os termos de consentimento para a realização da pesquisa. Recebi a todas em pé estendendo-lhes a mão para cumprimentar. Elas eram enviadas, mas não sabiam para quê estavam ali, após explicar eu perguntava se elas tinham interesse e procedia com as entrevistas, ressaltando a questão do sigilo e do anonimato de seus relatos.

Senti-me bem por estar a vontade no ambiente, recebê-las e ter abandonado as minhas questões para estar disponível e aberta para acolher o que elas tinham para me contar de suas vidas. Uma a uma, proporcionando uma vivência intensa e enriquecedora, que fez por primeira vez eu não falar e nem ver *presas*, mas sim pessoas, singulares, que sentem amor, raiva, sofrem, se entristecem, se alegram, choram, riem, são solidárias, outras agressivas, algumas amedrontadas e outras tranquilas, enfim humanas, simplesmente humanas, com uma história que em determinado momento as colocou numa sociedade intramuros da qual esperam sair em breve, mesmo que esse breve seja uma pena alta ainda para se diluir no tempo.

Cada relato foi realizado no tempo da narradora, sem um tempo fixo e sem interrupções em sua narrativa, pois afinal ela estava colocando a sua vida ali, para alguém desconhecido que queria saber que sentido tem a vivência naquele lugar. Sem dúvida alguma o investimento emocional de ambas as partes foi enorme, todas derramaram as suas lágrimas parecendo desabafo, isso devido à própria temática da pesquisa que abarcava a temporalidade. Porém, uma última questão possibilitava a abertura ao futuro, a uma nova possibilidade, haja vista que abordava sobre os projetos após sair da prisão. As entrevistas foram realizadas nos três

dias que lá permaneci, compartilhando inclusive da mesma comida no almoço. No fim de cada entrevista, cada uma das mulheres, a seu modo, agradeceu a oportunidade de poder participar, colocando-se disponível para outra ocasião se caso eu necessitasse, dizendo que se sentia mais aliviada, pois era a primeira vez que alguém queria saber de sua história.

Enfim, a narrativa foi uma possibilidade oportunizada pelo método fenomenológico para eu contar sobre a experiência vivida na pesquisa com as mulheres encarceradas, não com o intuito de informar ou dar respostas, mas possibilitando que outro escute à sua maneira e ampliando para que transforme segundo o significado que este lhe outorgue. Afinal, como diz Benjamin (1987, p. 213) “Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia”.

Referências

Benjamin, W. (1987). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas vol 1.* (S. P. Rouanet, Trad.). São Paulo: Edit. Brasiliense.

Perdigão, P. (1995). *Existência e Liberdade: uma introdução a filosofia de Sartre.* Porto Alegre: L&PM.

Ricouer, P. (1994). *Tempo e Narrativa (tomo I)* (C. M. Cesar, Trad.). Campinas, SP: Papirus. (Obra original Publicada em 1913).

Ricouer, P. (2000). Narratividade, fenomenología y hermenéutica. *Análisi*, Revista del Departamento de Periodismo y Ciencias de la Comunicación de la Universidad Autónoma de Barcelona. [online], 25, 189-207.

Sartre, J-P. (2001). *O Ser o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica.* (P. Perdigão, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Obra original Publicada em 1943).

Sartre, J-P. (2002). *Critica da razão dialética: precedido por Questões de Método.* (G. J. F. Teixeira, Trad.). Rio de Janeiro: DP&A. (Obra original Publicada em 1960).